

EAD, MÚSICA E INCLUSÃO: uma proposta de ensino e aprendizagem do violão popular na modalidade a distância para cegos

Luiz Fernando Navarro Costa

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
lfncosta@yahoo.com.br

29

RESUMO

O presente trabalho é um relato de experiência que desencadeou uma proposta de ensino do violão popular para cegos e está sendo desenvolvida num programa de pós-graduação em música. Dentro do universo que atuo como professor de música de uma instituição pública, fui solicitado a ensinar violão para uma aluna cega. Eu que nunca havia antes ensinado uma pessoa com deficiência visual, me interessei pelo desafio. A partir de então comecei a pesquisar sobre algumas questões relativas às pessoas com deficiência visual, que julguei importante conhecer para o planejamento do meu trabalho com a aluna. Compreender como os cegos fazem para registrar as informações, como manuseiam os aparelhos de comunicação modernos (computadores, telefones, celulares, tablets) entre outras questões pertinentes. Constatei que através dos suportes avançados das ciências médicas aliado ao desenvolvimento tecnológico de hardwares e softwares, as pessoas com deficiência visual conseguem fazer tudo (ou quase tudo) que os videntes fazem, porém com tempo próprio e suas particularidades que nem sempre são sinônimos de dificuldades. A aluna em questão percorria aproximadamente 90 km de sua residência até a sala de aula. Percebi e valorizei o esforço desta aluna para estudar. Isto me levou a refletir sobre a possibilidade de oferecer um meio opcional de aprendizagem do violão aos cegos, através de aulas virtuais, usando a internet. Surgiu então a ideia de desenvolver uma pesquisa-ação, implantando um curso de violão popular a distância para cegos num programa de extensão universitária.

Palavras-chave: Música e inclusão. Educação musical a distância para cegos. Violão popular para cegos.

1 INTRODUÇÃO

Dentro do universo que atuo como professor de música de uma instituição pública, fui solicitado a ensinar violão para uma aluna cega na disciplina optativa de violão complementar. Eu que nunca havia antes ensinado uma pessoa com deficiência visual, me interessei pelo desafio. A partir de então comecei a pesquisar sobre algumas questões relativas às pessoas com deficiência visual, que julguei importante conhecer para o planejamento do meu trabalho com a aluna. Saber como os cegos fazem para registrar as informações, como manuseiam os aparelhos de comunicação modernos (computadores, telefones, celulares, *tablets*). Constatei que através dos suportes avançados das ciências médicas aliado ao desenvolvimento tecnológico de hardwares e softwares, essas pessoas conseguem fazer tudo (ou quase tudo) que os videntes fazem, porém com tempo próprio e suas particularidades que nem sempre são sinônimos de dificuldades.

A aluna estudava canto na instituição onde eu trabalho, não era iniciante no violão, tinha um domínio razoável do instrumento, conhecia “levadas” e alguns acordes. Não dominava a grafia musical, tão pouco a musicografia Braille e seu objetivo era dar continuidade a sua aprendizagem do violão popular. Utilizando gravações em áudio e também um sistema alternativo de escrita, onde os dedos, cordas e casas do violão são representados por meio de números que eram lidos pela aluna com leitor de tela, as informações eram registradas. A aluna tinha uma aula por semana e percorria aproximadamente 90 km de sua residência até a sala de aula. Este percurso demandava cerca de duas horas. Ela dependia de transporte público, que nem sempre estava disponível e de uma pessoa vidente para guiá-la, para poder comparecer às aulas. Por esse motivo, algumas vezes ela faltava, mas dávamos continuidade ao nosso trabalho através de rede social. Percebi e valorizei o esforço desta aluna para estudar. Isto me levou a refletir sobre a possibilidade de oferecer um meio opcional de aprendizagem do violão aos cegos, através de aulas virtuais, usando a internet. Surgiu então a ideia de desenvolver uma pesquisa-ação, implantando um curso de violão popular a distância para cegos num programa de extensão universitária.

2 EAD E DEFICIÊNCIA VISUAL

A Educação a Distância (EAD) promove a acessibilidade do aluno que mora distante das instituições de ensino e daqueles com dificuldade de transitar (como cadeirantes e pessoas com deficiência visual), ao conhecimento científico da academia, sem o esforço do deslocamento, “uma vez que, na EaD, o ato de aprender pode ser alcançado em qualquer lugar, independente da distância entre aluno e professor”. (COSTA et al., 2013, p. 904).

Hoje em dia a internet, com seu extraordinário poder de compartilhamento de informações e conhecimentos, nas mais distintas áreas, desponta como uma alternativa de aproximação das pessoas com deficiência visual com a aprendizagem de linguagens musicais. Pesquisando esse tema, encontrei fóruns de cegos que aprendem violão popular pela internet. Percebi através desses fóruns que eles não encontram metodologias e materiais didáticos direcionados para cegos, planejados com cientificidade por profissionais da pedagogia musical. Apesar disso, permutam entre si os materiais e informações que obtêm no universo online. Mas a educação é dever do estado e considero a EAD como uma modalidade competente para impulsionar atividades de ensino musical também a esse segmento de nossa sociedade. Ferramentas pedagógicas, tais como oficinas e trabalhos que estimulem a criação, a apreciação musical e a aprendizagem instrumental direcionados para um público cego, são exemplos de instruções possíveis de serem concebidas e disponibilizadas em cursos usando a EAD.

Sendo a EAD uma modalidade de ensino em ascensão, incentivada pelo Ministério da Educação, pela qual, a princípio, pode beneficiar também aqueles com deficiência física, pressuposto que possibilita encurtar distâncias, promover a inclusão e permitir flexibilização na distribuição do tempo de estudo, entre outras adequações, eu, como educador musical, passei a vislumbrar e questionar o modo que a EAD poderia abranger o ensino de música para pessoas cegas. Qual o grau de eficiência de um ensino instrumental na modalidade a distância para tal público? Como se configuraria a interação de ensino-aprendizagem? Quais os processos e ferramentas necessárias para a realização dessa proposta? Como estão, nos dias

atuais, as plataformas, inovações tecnológicas e os respectivos ambientes virtuais de aprendizagem em termos de acessibilidade?

Pensando nessas questões, passei a desenvolver um projeto de pesquisa - dentro de um doutorado em Educação Musical - que se propõe a realizar uma pesquisa-ação no âmbito de um programa de extensão universitária, implementando um curso de violão popular a distância para pessoas cegas. O referencial teórico do trabalho se desdobra em três eixos: inclusão das pessoas com deficiência nas instituições de ensino; educação musical para cegos e ensino do violão na modalidade a distância.

3 INCLUSÃO DOS DEFICIENTES NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO

Nos dias atuais é considerável as transformações na acessibilidade e inclusão ao sistema educacional. No entanto, o processo de adaptação dos estabelecimentos de ensino, bem como a formação dos currículos escolares e a preparação dos professores para o atendimento aos deficientes ainda é um processo em construção. Para que os direitos estabelecidos por lei a esta população sejam amplamente contemplados e de tal modo, seja assegurado acesso a uma educação de qualidade, é fundamental: adequar as estruturas das instituições de ensino às diversas necessidades especiais das diferentes modalidades de deficiências; equipar essas instituições com materiais didáticos especializados (livros em diferentes formatos, softwares, hardwares, equipamentos de apoio, entre outros); preparar o corpo docente para um atendimento didático-pedagógico satisfatório ao deficiente; além de ofertar cursos em diferentes modalidades de ensino, dentre os quais, o ensino a distância. Cabe ao sistema educacional e aos professores o engajamento na constante busca de estratégias e soluções criativas para integrar consistentemente a diversidade, seja ela cultural, social, fisiológica ou racial, no sistema formal de ensino e aprendizagem. Para Andrade e Lima, na contemporaneidade,

[...] a educação especial está voltada para a educação e a diversidade, ou seja, para todas as pessoas que apresentem alguma dificuldade de aprendizagem que requeira uma medida educativa especial, seja por aspectos cognitivos, físicos, sensoriais, culturais, religiosos, raciais ou

regionais. Conjuntos de recursos humanos e materiais postos à disposição do sistema educativo para que este possa responder adequadamente às necessidades que, de forma transitória ou permanente, possam apresentar alguns dos alunos (ANDRADE; LIMA, 2014, p. 157).

Além da falta de estrutura dos estabelecimentos de ensino para atender as pessoas com necessidades especiais, bem como a falta de professores qualificados e equipes psicopedagógicas multidisciplinares aptas para lidarem com as diferentes deficiências, outras dificuldades se fazem presentes na jornada escolar presencial das pessoas com deficiência física, tais como os transportes inadequados que utilizam, falta de segurança no trajeto para a escola, mobilidade limitada, necessidade do apoio de guia vidente ou de cães guia (no caso das pessoas com deficiência visual). Neste contexto, a modalidade de educação a distância, em sua atual configuração, surge como uma cômoda solução parcial para esses problemas, especialmente para as pessoas com dificuldades de deslocamento, como cadeirantes e pessoas com deficiência visual. Furtado et al. destacam que:

Se para estudantes considerados normais este processo [EAD] já se configura como de extrema utilidade, para estudantes portadores de deficiências este modelo tornou-se um grande auxílio no processo de desenvolvimento e aquisição do aprendizado [...] Além das facilidades gerais que a inovação aplicada ao EAD possa trazer, outra grande perspectiva observada no momento considera as vantagens de se levar formação aos portadores de deficiência sem que estes tenham que se deslocar às instituições convencionais de ensino (FURTADO et al., 2008, p. 1).

Ainda nesse sentido, Machado reforça que:

As pessoas com deficiência perceberam na EAD uma oportunidade de realizar seus estudos, em casa, excluindo, portanto, as barreiras de locomoção e arquitetônicas que existem para cursar seus estudos em muitas escolas, recebendo maior acesso aos materiais didáticos e facilidade de comunicação com o corpo docente (MACHADO, 2011, p. 17).

Decorrente dos avanços da Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), a EAD vem se transformando, ganhando expansão nas mais diferentes áreas e tem contribuído significativamente para a política de educação inclusiva. No Brasil, o Sistema Universidade Aberta (UAB) vem ampliando a oferta de cursos e programas de educação superior a distância, oferecendo cursos em nível de graduação e mestrado profissional para professores da educação básica.

Refletindo sobre os benefícios sociais e educacionais provenientes da EAD, enfatizando seu caráter inclusivo, devemos levar em consideração:

[...] as vantagens de se levar formação aos portadores de deficiência sem que estes tenham que se deslocar às instituições convencionais de ensino. É fundamental que se compreenda a importância do paradigma “educação para todos” para a sociedade. As pessoas com deficiência que ficam fora do sistema educacional e, conseqüentemente, sem acesso a cultura na vida adulta, podem encontrar dificuldades para conquistar a sua independência pessoal e a sua autonomia, sendo assim, pouco ou nada contribuirão e/ou produzirão à sociedade e ao país (SILVA, 2017, p. 169).

34

Não estou de forma alguma sugerindo que os cegos devem ficar reclusos em suas residências, pois isto seria uma forma de segregação e não de inclusão. Mas entendo que oferecer alternativas favoráveis de acesso ao conhecimento seja uma forma relevante de inclusão cultural, uma opção a mais de acesso a formação escolar para os cegos.

4 A EDUCAÇÃO MUSICAL PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

A literatura nos mostra que o ensino musical para pessoas com deficiência visual permanece um desafio aos educadores musicais. Embora crescente, o número de trabalhos científicos abordando esse tema é relativamente pequeno, e as instituições de ensino, em sua maioria, não estão estruturadas para um atendimento adequado aos cegos e os professores em geral encontram-se inaptos para ensiná-los. Desse modo,

No Brasil, poucas são as instituições que promovem um ensino musical dirigido especificamente para os deficientes visuais. Apesar da inclusão do deficiente visual ser um tema amplamente veiculado pela legislação brasileira, os processos de ensino e aprendizagem musical para deficientes visuais ainda são pouco estudados em pesquisas científicas da área (TUDISSAKI, 2011, p. 1065).

Grande parte das propostas de ensino e aprendizagem musical com cegos recorre ao trabalho com a linguagem musical ocidental, empregando a musicografia Braille. Hoje em dia temos no Brasil diversos bancos de partituras transcritas para esse código linguístico tátil, bem como livros destinados a professores de música

que desejam aprender a musicografia Braille, como por exemplo o livro *Introdução a Musicografia em Braille*, escrito pela professora Dolores Tomé, docente da Escola de Música de Brasília. Rocha (2015, p. 12) considera a “musicografia Braille como um dos meios para a inclusão de alunos deficientes visuais ao ensino sistemático da música, porém, nota-se pouco interesse por parte das instituições de ensino”. No entanto a educação convencional específica às pessoas com deficiência visual no contexto brasileiro apresenta lacunas com relação a sua abrangência, pois a grafia em Braille não é dominada por todos os cegos. Para Ghiorzi e Müller (2016, p. 4), “muitos não sabem ler tal grafia e muitas vezes a nossa região não atende tão especificamente esta área em relação ao ensino do Braille, quanto menos o ensino da escrita musical para deficientes visuais.”

E se são poucos os cegos que dominam a musicografia Braille, esse domínio é ainda mais raro por parte dos professores videntes. Segundo Carvalho (2010, p.23), “como os professores de música não têm conhecimento da Musicografia Braille, acabam por recusar-se a lecionar para estudantes cegos por julgarem impossível passar para eles o conteúdo das partituras com efetividade.”

Por outro lado, temos na atualidade tecnologias que podem oferecer condições para o trabalho com a musicografia Braille sem ter que, necessariamente, conhecer profundamente o código. Aplicativos e impressoras específicas disponíveis no mercado podem auxiliar na facilitação do ensino-aprendizagem entre alunos cegos que dominam a musicografia em Braille e professores videntes que não a dominam. Preocupada com as dificuldades de inserção dos cegos no ensino superior de música, Tofani (2012) investigou o desenvolvimento de um aplicativo denominado *Delius*. Esta ferramenta faz a interação e conversão entre a escrita musical em Braille e a escrita em tinta, pois, segundo ela, o ensino superior de música exige que o aluno registre as informações da escrita musical para um bom trânsito nas disciplinas, onde os ambientes são pensados para atender os videntes:

o ensino superior modela-se, via de regra, como um ambiente misto onde a grande maioria é formada por pessoas videntes e onde o próprio ambiente na maioria das vezes está constituído considerando que a capacidade de ver é quase tão fundamental quanto a capacidade de ouvir (TOFANI, 2012, p. 2).

Ao fazer um levantamento bibliográfico e analisar materiais e métodos de ensino musical direcionados para pessoas com deficiência visual no Brasil, Ghiorzi e Müller (2016, p. 2) destacam que “há um grande número de materiais didáticos e métodos para um ensino de música mais eficiente, existe um acervo bibliográfico disponível em bibliotecas físicas e virtuais”. Os autores consideram que há uma produção crescente de materiais, porém,

um pequeno número de escolas e faculdades de música [no Brasil] está de fato preparada para receber um aluno portador de deficiência visual. Muitos profissionais acabam recusando ofertas de trabalho nesta área da educação por não se sentirem seguros. Estes justificam ao relatar que não obtiveram uma preparação especializada para lecionar a alunos com deficiência visual (GUIORZI E MÜLLER, 2016, p. 2).

Com relação ao ensino de instrumentos musicais para cegos, podemos destacar algumas experiências realizadas no Brasil aplicando os princípios do método Suzuki, como por exemplo os trabalhos de Bohn (2008) e de Rodrigues (2010). Bohn sugere que sejam feitas algumas alterações no instrumento, tais como o uso de fitas adesivas, afim de facilitar o correto posicionamento dos dedos no instrumento, de modo que o aluno cego tenha melhor fluência e segurança na execução instrumental. “As adaptações têm que ser feitas de forma criativa, funcional e prática, a fim de facilitar o aprendizado dos alunos com deficiência visual e fazer com que vençam no mais breve tempo as dificuldades técnicas do instrumento.” (BOHN, 2008, p. 39). Entretanto, Conde julga que o ensino de instrumentos musicais para cegos é análogo ao ensino para videntes. Para o autor:

A atividade musical com instrumento em nada difere dos métodos adotados para outras crianças, uma vez que o deficiente visual adquire uma consciência espacial própria para cada instrumento a ser executado. As dificuldades ou facilidades apresentadas pelas crianças com e sem deficiência visual são similares (CONDE, [200-?], p. 03).

5 ENSINO DO VIOLÃO NA MODALIDADE A DISTÂNCIA

Devido as transformações ocorridas na EAD nas últimas décadas, alguns cursos superiores de música passaram a oferecer a modalidade a distância em suas grades curriculares. No Brasil, a Lei de diretrizes e bases (LDB) - 9394, de 1996,

estabeleceu a legislação que regulamenta a EAD no âmbito acadêmico. Nos anos de 2007 e 2008 o Programa Pró-Licenciatura e a Universidade Aberta do Brasil (UAB) implantaram cursos superiores de música na modalidade EAD em três universidades brasileiras: a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a Universidade Federal de Brasília e a Universidade Federal de São Carlos. Essas instituições oferecem cursos presenciais e a distância, os quais vêm atendendo alunos de diversos estados brasileiros (RIBEIRO, 2013, p. 41). De acordo com a legislação vigente, os cursos superiores na modalidade EAD devem ter uma carga horária mínima de aulas presenciais. O violão é um dos instrumentos musicais presente como disciplina da estrutura curricular desses cursos. Segundo Westermann,

As aulas a distância ocorrem através de unidades de estudo disponibilizadas semanalmente na plataforma de ensino, através da internet. Essas unidades possuem textos explicativos, vídeos ilustrativos, videoaulas e quaisquer outros materiais necessários, de acordo com a natureza do assunto abordado (WESTERMANN, 2012, p. 80).

As três instituições acima citadas vêm desenvolvendo o ensino musical a distância em nível de graduação há mais de dez anos. As primeiras turmas estão sendo formadas e podemos supor que outras instituições cadastrarão cursos superiores de música na modalidade a distância, tendo em vista o crescimento da demanda de alunos e crescente preparo de professores para esta modalidade de ensino. Corrobora esta readequação do ensino o crescimento geométrico da população em proporção ao crescimento aritmético de espaços físicos, como bem demonstra a saturação e superlotação das salas de aulas.

As inúmeras experiências de ensino e aprendizagem do violão sem a presença física de um professor vêm acontecendo há bastante tempo. Seja por correspondência ou através de revistas, programas televisivos, vídeo-aulas, ou, mais recentemente, pela internet, as pessoas têm a possibilidade de adquirir orientações para uma prática autônoma ou dirigida do violão. Atualmente diversos portais na internet oferecem propostas de ensino do violão, especialmente no gênero popular, através dos *sítes* de cifras¹, como o Cifra Club², que além de apresentar a letra das

¹ A cifra é uma representação do acorde através de letras, por vezes combinadas com números e alguns símbolos.

canções com suas respectivas cifras, acrescenta, em alguns casos, vídeos tutoriais ensinando detalhes da execução instrumental. Paralelamente, encontramos hoje em dia cursos online de instrumentos musicais diversos, oferecidos por escolas de música particulares, ou por iniciativas individuais de professores.

6 SOBRE O CURSO DE VIOLÃO POPULAR A DISTÂNCIA PARA CEGOS

38

O curso que pretendo desenvolver será oferecido por uma instituição de ensino superior, no âmbito de seu programa de extensão. Trata-se de um curso piloto para alunos iniciantes que funcionará totalmente a distância, com atividades síncronas e assíncronas. Terá a duração de um semestre e será direcionado a uma população selecionada de cegos. Considerando que o curso é dirigido para alunos iniciantes, não será aceita a participação de alunos com experiências prévias no violão. Farei um contato com instituições que trabalham com cegos no intuito de oferecer a seu público a oportunidade de participar desse projeto. As vagas atenderão um total de oito inscritos. As plataformas de interação entre professor e aluno estão em fase de definição.

Por se tratar de um curso de violão popular, previsto para ter a duração de um semestre, optei por não empregar a musicografia Braille, recorrendo a outras alternativas de registro, como escritas em texto utilizando leitores de tela e gravações em áudio.

O curso contará com a participação de dois tutores voluntários, escolhidos no universo de alunos regulares do curso de Licenciatura em Música da instituição em questão, com habilitação em violão e com mais de cinquenta por cento de cumprimento da grade curricular. Esses tutores auxiliarão na execução do projeto, na elaboração das aulas e na orientação dos alunos.

Como metodologia adotarei a pesquisa-ação. Por ser um projeto piloto que poderá intervir nos processos de exclusão que sofre a pessoa com deficiência visual em sua formação escolar, transformando essa realidade através de uma ação social educativa, a pesquisa-ação, como método de pesquisa empírica é adequada aos propósitos apresentados. Para Thiollent,

² CIFRA CLUB. Disponível em: <www.cifraclub.com.br>. Acesso em: 28 mar. 2019.

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo e participativo (THIOLLENT, 1986, p. 14).

Ao final do curso os alunos deverão responder um questionário na qual solicitaremos informações sobre suas experiências pessoais no processo de aprendizagem e também deverão enviar um vídeo performático com o violão³, que usaremos como referencial no processo de avaliação e análise. Faremos também uma entrevista semiestruturada com os tutores, no intuito de que os mesmos comentem sobre suas experiências nas aulas.

39

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto que idealizo busca adequar ao cego uma forma de adquirir habilidades no violão popular através da realidade emergente e aprimorada da EAD. Algumas instituições públicas de ensino musical no Brasil incluíram a EAD em seus currículos. É possível que ofertando tais condições, possibilitaremos maior ingresso de estudantes cegos nos cursos superiores de música. Acredito que muitas questões que cercam o ensino musical ao portador de deficiência visual utilizando a EAD necessitam de investigação científica. Na configuração atual, utilizando internet, computadores e outras ferramentas de comunicação síncronas e assíncronas, a EAD é uma modalidade de ensino relativamente nova. É preciso que novas pesquisas sejam realizadas para que possamos fundamentar a aplicação dessa modalidade de ensino aos cegos. Considerando que a inclusão de cegos na EAD ocorre em outras áreas, acompanhar esta tendência, flexibilizar e sustentar esta modalidade de ensino na música é um desafio aos pensadores da educação musical contemporânea.

³ O vídeo deverá conter duas ou três músicas trabalhadas durante o curso.

REFERÊNCIAS

ANDRADE L. N; LIMA E. P. S. **Acessibilidade:** será que as universidades estão preparadas para atender adolescentes e adultos com necessidades especiais? **Cadernos de Graduação – Ciências Humanas e Sociais**, Aracaju, v. 1, n. 2, p. 155-164, mar. 2014.

BOHN, Débora Flemming. **O ensino de violino voltado para deficientes visuais integrando o método Suzuki e a musicografia Braille**. Florianópolis, 2008. 49 f. Monografia – TCC, Bacharelado em Música. Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 28 mar. 2018.

CARVALHO, Maressa Miquelino de. **O ensino específico de música para deficientes visuais:** o método MusiBraille. Goiânia, 2010. 33 f. Monografia – TCC, Licenciatura em Música. Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

CIFRA CLUB. Disponível em: <www.cifraclub.com.br>. Acesso em: 28 mar. 2018.

CONDE, Cleber. **Educação musical para deficientes visuais**. [200-?], p. 03. Disponível em:
<http://www.academia.edu/6883796/UNIVERSIDADE_FEDERAL_DE_S%C3%83O_CARLOS_CURSO_DE_EDUCA%C3%87%C3%83O_MUSICAL_EDUCA%C3%87%C3%83O_MUSICAL_PARA_DEFICIENTES_VISUAIS>. Acesso em: 28 mar. 2018.

COSTA, Maria Luisa Furlan; LOZANO, Taissa Vieira. **Educação a distância e deficiência visual:** possibilidades e perspectivas. In: **Atos de Pesquisa em Educação** – PPGE/ME, v. 8, n. 3, p. 901-920, set./dez. 2013. Disponível em:
<<http://proxy.furb.br/ojs/index.php/%20atosdepesquisa/article/%20viewFile/3431/2482>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

FURTADO, Flávio Mendes et al. **O ensino a distância para portadores de necessidades especiais**. In: Universidade do Vale do Paraíba - UNIVAP. XII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica, VIII Encontro Latino Americano de Pós-Graduação e II Encontro de Iniciação Científica Júnior; 16 e 17 out. 2008.; São José dos Campos, Brasil. São José dos Campos: UNIVAP; 2008. p. 1-4. Disponível em:
<www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2008/anais/arquivosEPG/EPG00379_02_O.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2018.

GUIORZI, Matheus Magalhães; MÜLLER, Cristiane. **O deficiente visual e a educação musical:** metodologias de ensino. In: **Revista de Divulgação Interdisciplinar Virtual do Núcleo das Licenciaturas**. v. 4, n. 1, 2016. Disponível em:

<<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/redivi/article/viewFile/9726/5466>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

MACHADO, Carolina Donati Costa. **A inclusão da pessoa com deficiência visual na escola**: Contribuições da Educação a Distância. In: **Educação a Distância**, Batatais, v. 1, n. 1, p. 113-121, jan./jun. 2011.

RIBEIRO, Giann Mendes. **Autodeterminação para aprender nas aulas de violão a distância online**: uma perspectiva contemporânea da motivação. Porto Alegre, 2013. 239 f. Tese, Doutorado em Educação Musical. Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Música, Porto Alegre, 2013.

ROCHA, João Gomes da. **O ensino do violão para pessoas com deficiência visual**: dedilhando a musicografia Braille. Natal, 2015. 65 f. Monografia – TCC, Licenciatura em Música. Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 20.

RODRIGUES, Marcelo Inagoki. **Educação musical de deficientes visuais**: analisando possibilidades de aplicação de alguns princípios do método Suzuki. In: I Simpósio Brasileiro de Pós-Graduandos em Música. XV Colóquio do Programa de Pós-Graduação em Música da UNIRIO. Rio de Janeiro, 08 a 10 de novembro de 2010. Disponível em: <<http://www4.unirio.br/simpom/textos/SIMPOM-Anais-2010-MarceloInagoki.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

SILVA, Michela Melo da. O processo de inclusão nos cursos de EAD. In: Universidade Federal Rural do Semi-Árido Coordenação Geral de Ação Afirmativa, Diversidade e Inclusão Social. **Revista Includere/CAADIS**. ISSN 2359-5566. Disponível em: <<https://periodicos.ufersa.edu.br/index.php/includere/article/download/7406/pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2019.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 1986.

TOFANI, Arthur Piza Mosterio. **Uma ferramenta para notação musical em braille**. São Paulo, 2012, 125 f. In: Dissertação – Mestrado em Ciências. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Computação do Instituto de Matemática e Estatística da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

TUDISSAKI, Shirlei Escobar. **Ensino e aprendizagem musical para deficientes visuais**: um levantamento bibliográfico. In: XX Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical – Educação Musical para o Brasil do Século XXI, Vitória, 07 a 10 de novembro de 2011. p. 1065-1074. Disponível em: <https://musicaeinclusao.files.wordpress.com/2016/06/tudissaki-shirlei-lima-sonia-ensino-e-aprendizagem-musical-para-deficientes-visuais_um-levantamento-bibliografico.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2018.

VII Encontro sobre Música e Inclusão

“Políticas públicas e pessoas com deficiência:
práticas inclusivas e perspectivas de ação”

Natal/RN, 29 de maio a
1 de junho de 2019

WESTERMANN, Bruno. A autonomia do aluno de violão em um curso de licenciatura em música a distância: um estudo sobre os fatores de influência. In: **Revista da ABEM**, Londrina, v. 20, n. 29, p. 78-87, jul./dez. 2012.